



01 a 04 de  
OUTUBRO  
EVENTO GRATUITO

# IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE  
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO  
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

## ENTRE A LOUCURA E A POESIA: A VOZ DE SUELI REZENDE NOS CORREDORES DO HOSPITAL COLÔNIA

*BETWEEN MADNESS AND POETRY: THE VOICE OF SUELI REZENDE IN THE  
CORRIDORS OF THE COLÔNIA HOSPITAL*

Adriano Kerver de Sousa (Faculdade Cerrado)<sup>1</sup>

Rodrigo Martins (UFL)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa a marchinha composta por Sueli Rezende, exibida no documentário *Em Nome da Razão* (1979), durante sua internação no Hospital Colônia de Barbacena-MG. A canção transforma o sofrimento dos pacientes em resistência contra a desumanização. Pelo conceito de voz de Paul Zumthor (2018), a voz de Sueli ultrapassa a clausura física e institucional, articulando uma subjetividade onde o silêncio era imposto. Freud, em *O Poeta e o Fantasiar* (1908), nos ajuda a compreender a criação artística de Sueli como uma forma de transformar sua realidade insatisfatória e enfrentar simbolicamente o confinamento. O hospital reflete o controle institucional discutido por Michel Foucault (2019), ao impor regras de comportamento e confinamento. Em um contexto de desumanização, a marchinha denuncia poeticamente essas condições, expondo a precariedade do tratamento. Através da linguagem poética, Sueli rompe o silêncio imposto, criando um espaço de resistência e afirmação da subjetividade dos internos frente à exclusão e à opressão.

**Palavras-chave:** Voz. Loucura. Subjetividade. Poética. Psicanálise.

**Abstract:** This paper analyzes the marchinha composed by Sueli Rezende, featured in the documentary *In the Name of Reason* (1979), during her hospitalization at the Colônia de Barbacena Hospital in Minas Gerais, Brazil. The song transforms the patients' suffering into resistance against dehumanization. Based on Paul Zumthor's (2018) concept of voice, Sueli's voice transcends physical and institutional confinement, articulating a subjectivity where silence was imposed. Freud, in *The Poet and Daydreaming* (1908), helps us understand Sueli's artistic creation as a way to transform her unsatisfactory reality and symbolically confront confinement. The hospital reflects the institutional control discussed by Michel Foucault (2019), as it imposes rules of behavior and confinement. In a context of dehumanization, the marchinha poetically denounces these conditions, exposing the precariousness of psychiatric treatment. Through poetic language, Sueli breaks the imposed silence, creating a space of resistance and affirmation of the inmates' subjectivity in the face of exclusion and oppression.

**Keywords:** Voice. Madness. Subjectivity. Poetics. Psychoanalysis.

<sup>1</sup> Pedagogo (ISEIB). Especialista em Educação Inclusiva e Especial (FINOM). Mestre em Gestão Social (UNA BH). Professor da Faculdade Cerrado – FACE Campo Belo/MG

<sup>2</sup> Psicólogo (UNIFENAS), Especialista em Linguística (Unyleya) mestrando em Letras pelo PPGL - UFLA, membro do Grupo de Pesquisa INTERSIGNOS – Literatura, Linguagem, Tradução Intersemiótica e Formação Docente. Seu campo de pesquisa engloba o estudo de narrativas orais e transformação subjetiva.



## INTRODUÇÃO

O documentário *Em Nome da Razão* (1979), dirigido por Helvécio Ratton, retrata a realidade do Hospital Colônia de Barbacena, uma instituição psiquiátrica em Minas Gerais que abrigava pacientes em condições desumanas. Considerado um marco na luta pela reforma psiquiátrica no Brasil, o filme serve como denúncia dos horrores vividos pelos internos. Com imagens impactantes de corpos marginalizados e degradados, o documentário mobilizou a opinião pública e abriu espaço para questionamentos sobre o modelo asilar e as políticas de saúde mental no país (Goulart, 2006).

Fundado em 1904, o Hospital Colônia de Barbacena tornou-se símbolo do abandono e da violência institucionalizada, onde práticas de confinamento e trabalhos forçados eram comuns. Nesse contexto, Ratton, com uma câmera sensível e sem roteiro predeterminado, capturou as vozes e os rostos da exclusão que, até então, permaneciam ocultos do público (Goulart, 2006).

Lançado em um período de abertura política no Brasil, após os anos de ditadura militar, o documentário não apenas denunciou as atrocidades cometidas em nome da ciência psiquiátrica, mas também desempenhou um papel crucial na promoção de debates sobre a desinstitucionalização e a reforma psiquiátrica. A obra de Ratton é considerada uma fissura simbólica no sistema de saúde mental da época, levando à reflexão sobre os limites da racionalidade psiquiátrica e a necessidade de humanização no tratamento de pacientes (Goulart, 2006).

Os internados no Hospital Colônia de Barbacena incluíam, oficialmente, aqueles diagnosticados com "alienação mental"; porém, na prática, o público internado era muito mais abrangente. Além de pacientes com transtornos mentais, o hospital recebia pessoas vistas como ameaça à ordem e moral pública ou que perturbavam a tranquilidade social, ampliando seu papel para além do cuidado médico. Esse grupo incluía crianças abandonadas, alcoólatras, homossexuais, jovens que causavam desgosto familiar, indigentes e aqueles sem rede de apoio, reforçando o papel do Hospital Colônia como espaço de exclusão social e segregação para indivíduos que não se adequavam às normas sociais e morais vigentes (Moreira, 2021).

Entre esses sujeitos estava Sueli Rezende. Seu canto, interpretado como uma manifestação de dissidência dentro do ambiente opressor do hospital, expressa descontentamento e denuncia as



práticas violentas e desumanas impostas pelos administradores e funcionários da instituição. Lopes e Mendes (2020) argumentam que Sueli utiliza a poética como forma de resistência, subvertendo o discurso psiquiátrico tradicional que, por meio do abuso de poder, confinava e oprimia os pacientes. Sua poética é uma forma de resistência ao poder psiquiátrico e ao biopoder, que controlava corpos e subjetividades no hospital. Seu canto denuncia a brutalidade institucionalizada e, ao mesmo tempo, confere dignidade àqueles que foram silenciados.

Este trabalho busca compreender como a expressão poética de Sueli se insere nesse contexto de exclusão e confinamento, subvertendo a lógica de silenciamento e controle institucional que dominava os pacientes internados. A questão central é: de que maneira a poética de Sueli resiste ao biopoder psiquiátrico, ao mesmo tempo em que sua voz denuncia a brutalidade do sistema e reivindica dignidade e subjetividade para os marginalizados?

Para tanto, o objetivo é refletir sobre o papel da poesia de Sueli Rezende como uma forma de subversão do poder institucional, conectando-a ao conceito de voz proposto por Paul Zumthor e às concepções freudianas sobre a criatividade. A partir de uma leitura intertextual, examina-se como a voz de Sueli, em sua criação poética, não apenas resiste às práticas opressivas do hospital, mas também transforma o ambiente em um espaço de expressão subjetiva e resistência.

Estudar a expressão artística de Sueli como resistência é relevante, pois explora a relação entre loucura, subjetividade e criação poética em um contexto de exclusão social e confinamento psiquiátrico. No Hospital Colônia de Barbacena, onde o controle institucional se impunha sobre os corpos e mentes dos pacientes, a criação poética de Sueli emerge como uma ruptura com o discurso dominante, possibilitando uma nova leitura sobre a subjetividade daqueles rotulados como loucos. Ao situar a voz poética de Sueli dentro das discussões teóricas de Paul Zumthor, que vê na voz uma materialidade que carrega a subjetividade, e de Freud, que entende a criatividade como uma forma de sublimação e promotora de identificações, este artigo busca contribuir para o resgate e a compreensão da importância das narrativas e tradições orais.



## DESENVOLVIMENTO

A obra *História da Loucura*, de Michel Foucault (2019), oferece uma perspectiva alternativa sobre o domínio da razão sobre a loucura, compreendendo a loucura sob a ótica da normatização social. Dessa forma, a loucura, ao ser definida a partir da razão, adquire contornos de exclusão e exílio. Para Larrosa e Lara (1998), somos nós que atribuímos uma definição ao “outro,” absorvendo sua alteridade em nossa própria identidade e, assim, reforçando-a. Nessa perspectiva, o “louco” acaba por confirmar e validar a razão predominante da sociedade. Esse processo de normatização, historicamente imposto, foi determinante para a segregação dos considerados “loucos” no Hospital Colônia de Barbacena, fundado no início do século XX, confirmando, assim, as impressões de Foucault sobre o papel da medicina no tratamento da loucura.

De acordo com Sander (2010), o “veredito médico” assume uma relação de poder que determina a verdade sobre a doença. A institucionalização da loucura cria um espaço segregador, sustentado pela força do poder médico, que reprime e controla os pacientes ao longo de todo o período de internamento. Essa relação hierarquizada entre médico e paciente, questionada desde o final do século XIX, ganha força com a crítica antipsiquiátrica. Foucault (2006) destaca esse pluralismo e a complexidade que atravessa as situações de doença mental e deficiência, reunindo os questionamentos ao poder médico.

Um aspecto central dessas críticas é o questionamento do hospício e de outros espaços de confinamento de doentes mentais. Como espaços de domínio do poder médico, os hospitais psiquiátricos são criticados por sua ineficiência, a alienação perpetuada aos ocupantes e pela desumanização imposta. Diniz (2007), ao discutir o Modelo Médico de Deficiência, observa que esse modelo atribui o ônus da condição ao próprio indivíduo, exemplificado no Colônia pela prática da internação irrevogável e inquestionável.

O Hospital Colônia de Barbacena abrigou, de maneira arbitrária, uma diversidade de pessoas, independentemente de diagnósticos clínicos, como denunciado por Arbex (2013). Entre os internados, encontravam-se epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, pessoas que se rebelavam ou se tornavam incômodas para figuras de maior poder, meninas violentadas por seus padrões e esposas confinadas para que os maridos pudessem viver com suas amantes. Dessa forma,



a institucionalização consolidou-se como uma prática de exclusão social e exercício de poder pelos mais fortes.

A canção de Sueli Rezende, composta durante sua internação, surge como um grito de resistência. Em seus versos, Sueli denuncia a precariedade e a violência naturalizadas no Colônia:

*“Ô seu Manoel, tenha compaixão  
Tira nós tudo desta prisão  
Estamos todos de azulão  
Lavando o pátio de pé no chão  
Lá vem a boia do pessoal  
Arroz cru e feijão sem sal  
E mais atrás vem o macarrão  
Parece cola de colar balão  
Depois vem a sobremesa  
Banana podre em cima da mesa  
E logo atrás vêm as funcionárias  
Que são as putas mais ordinárias”.*

Através de sua ironia, Sueli revela o cotidiano em que a humilhação era naturalizada, reconfigurando o ambiente repressivo do Colônia em um espaço onde a voz dos pacientes resiste à desumanização. Dessa forma, a marchinha não é apenas uma expressão de indignação pessoal, mas um ato poético que traduz a experiência coletiva dos internos, transformando a denúncia em um grito de resistência contra a opressão.

Freud, em *O Poeta e o Fantasiar*, explora a origem da criatividade poética, associando-a à capacidade humana de fantasiar, um processo semelhante ao brincar infantil. Para Freud (1908/2021), o poeta, assim como a criança, reorganiza elementos do mundo real, criando configurações que satisfazem seus desejos, mantendo a distinção entre fantasia e realidade. À medida que crescem, as pessoas substituem o prazer do brincar pela fantasia, realizando, nesse espaço, desejos insatisfeitos. Freud observa que a fantasia atua como uma correção de uma



realidade insatisfatória, conectando passado, presente e o devir. No caso da marcha de Sueli, seu canto pode ser interpretado como uma expressão poética de aspirações por liberdade e justiça, em que ela reorganiza os elementos de sua realidade para denunciar e resistir simbolicamente às opressões impostas.

Além disso, Freud argumenta que, ao apresentar suas fantasias de forma disfarçada, o poeta provoca prazer estético e permite uma catarse emocional ao leitor, preparando-o para liberar tensões psíquicas. Sueli, ao cantar sua marcha, promove uma possível experiência coletiva de liberação simbólica aos demais internos, que se veem representados em seu canto e encontram na canção uma forma de expressão de tensões psíquicas.

Paul Zumthor, renomado estudioso suíço, desafiou a concepção tradicional da escritura e ampliou os estudos sobre poesia e literatura medieval ao introduzir a oralidade como um princípio fundamental para a compreensão dos textos. Zumthor, como lembra Golin (2005), propôs uma poética da voz, destacando a importância de sua materialidade, movência, nomadismo e até mesmo sua eroticidade. Esses elementos enriquecem a relação entre o ouvinte e a narrativa, ao mesmo tempo em que a voz se torna um objeto sensorial e corpóreo. Preferindo o termo “vocalidade” à “oralidade,” Zumthor explorou a voz como uma manifestação que transcende o texto escrito e abrange a subjetividade e a presença física.

Essa abordagem evidencia a voz como um canal para expressar subjetividades que se materializam no ato de falar, sendo um elo entre corpo e palavra, incorporando emoções, intenções e estados subjetivos. Em *Performance, Recepção, Leitura*, Zumthor (2018) argumenta que a voz é essencialmente performativa, pois depende da presença do outro para se realizar e, por sua efemeridade, cria um espaço de resistência. Na sua instantaneidade, a voz possui o poder de subverter estruturas de poder e de oferecer visibilidade a subjetividades oprimidas, as quais muitas vezes não encontram espaço de expressão plena nos registros escritos.

Assim, a marcha composta por Sueli ultrapassa a função de um simples veículo de comunicação e se torna um ato de resistência, articulando uma subjetividade reprimida e criando um espaço onde ela e seus companheiros de internamento podem afirmar sua dignidade. Como Zumthor (2005) sugere, a voz, ao corporificar a presença do sujeito no mundo, se torna uma



expressão viva e potente. A marcha de Sueli é, portanto, um ato de liberdade poética e de construção de uma identidade coletiva, que desafia as tentativas de silenciamento e permite aos internos serem representados e fortalecidos contra as estruturas de poder que os tentam subjugar, mesmo que no devir, à medida que suas histórias ganham voz e presença.

## CONCLUSÃO

A poesia de Sueli Rezende, uma mulher cuja dignidade e identidade foram invisibilizadas pelo ambiente de hostilidade e opressão social, remete-nos à lucidez daquele que sofre abandono, segregação e discriminação sob a normatividade. Sua marcha denuncia que o sofrimento do outro é frequentemente ignorado ou visto apenas pelos paradigmas de cada época. À luz da luta antimanicomial, cada palavra de Sueli carrega sentido, razão, dor, lugar e algoz – nuances que, no passado, foram anuladas pelo poder psiquiátrico, onde o saber sobre o outro, ao invés de humanizá-lo, reforçava sua desumanização.

Retomando o questionamento: de que maneira a poética de Sueli resiste ao biopoder psiquiátrico, ao mesmo tempo em que sua voz denuncia a brutalidade do sistema e reivindica dignidade e subjetividade para os marginalizados? Percebemos nesse breve estudo que a marchinha de Sueli transcende sua condição de denúncia individual, tornando-se um registro histórico e coletivo da resistência dos internos do Hospital Colônia. Sua voz, nascida em um espaço de confinamento, projeta-se para além dos muros do hospital, expondo ao público as realidades ignoradas do sistema manicomial.

Refletindo através das contribuições de Zumthor (2018), a voz de Sueli afirma-se como expressão da subjetividade e presença humana, resistindo ao silenciamento imposto pelas instituições. Sua poesia encarna uma “presença no mundo” que, embora efêmera, persiste na memória coletiva como símbolo de luta e dignidade. Ela materializa a subjetividade reprimida de todos que, como ela, foram marginalizados, transformando o sofrimento em resistência cultural e afirmação de identidade.

Já a análise freudiana sobre a fantasia e criação poética nos leva a refletir sobre o poder transformador da obra de Sueli, que, ao reconfigurar o sofrimento em versos, oferece uma



possibilidade de saída simbólica para a dor e o abandono. Sua criação poética confronta a realidade insatisfatória, proporcionando novas formas de compreensão e libertação emocional, tanto para o poeta quanto para quem a aprecia.

Em última instância, sua marchinha nos lembra que, mesmo em condições extremas de exclusão e sofrimento, a voz humana possui um potencial para afirmar dignidade e reivindicar subjetividade frente à desumanização.

## REFERÊNCIAS

ARBEZ, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. **Obras incompletas: Arte, literatura e os artistas**. Tradução de E. Chaves. 1. ed., 3. reimpressão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021. p. 53–66.[Publicado originalmente em 1908].

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de R. Machado. 22. ed. São Paulo: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GOLIN, Cida. Teorias do rádio: Paul Zumthor e a poética da voz. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, UERJ, Rio de Janeiro, 5-9 set. 2005.

GOULART, Maria Stella Brandão. **Em nome da razão: Quando a arte faz história**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de. **Imagens do outro**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOPES, Marildo de Oliveira; MENDES, Everaldo dos Santos. O canto da Sueli: análise de um discurso dissidente em luta antimanicomial. *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 27, n. 49, p. 415-433, out.-dez. 2020.

MOREIRA, Juliana Maria Brandão. **Arqueologia da Loucura: Narrativas alternativas, cultura material e história do Hospital Colônia de Barbacena**. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia)



– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

RATTON, Helvécio. **Em nome da razão**. Belo Horizonte: Quimera Filmes, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de J. P. Ferreira e S. Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.